

FUTEBOL, CULTURA E SOCIEDADE: Contribuições para uma sócio-antropologia da bola

Jorge Ventura de Moraes*

José Luiz Ratton**

Túlio Velho Barreto***

Nos últimos 20 anos, as Ciências Sociais brasileiras têm assistido à institucionalização de vários campos temáticos que apenas possuíam produção esparsa, descontínua e centrada em um número reduzido de pesquisadores. Os estudos sobre futebol constituem uma destas áreas.

Desde os seminais *insights* de Gilberto Freyre, na década de 1930, e as primeiras contribuições de Roberto DaMatta, na década de 1970, o volume, a diversidade e a qualidade da produção das Ciências Sociais brasileiras sobre futebol constituem uma curva ascendente.

Pesquisadores como José Sérgio Leite Lopes, Simoni Lahud Guedes, Ronaldo Helal, Maurício Murad, Hugo Lovisolo e Antônio Jorge Soares, em diferentes Universidades no Rio de Janeiro, além de Luiz Henrique Toledo, na Universidade Federal de São Carlos, por exemplo, consolidaram em suas instituições linhas de pesquisa sobre esportes, de modo geral, e futebol, em particular, que têm gerado inúmeras dissertações e teses sobre os mais diversos aspectos das relações entre futebol, sociedade e cultura.

Também no Rio Grande do Sul, nos últimos anos, Arlei Sander Damo vem construindo significativa pesquisa antropológica sobre o tema, ao mesmo tempo em que, em Pernambuco, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol (NESF), congrega pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) na constituição de uma agenda de pesquisa sobre diferentes aspectos do futebol como fenômeno social.

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

*** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

A despeito da hegemonia dos antropólogos nos estudos sobre o futebol, é visível o crescimento da literatura especializada em áreas como a sociologia, a história, a educação, os estudos sobre cultura em geral, rompendo, assim, fronteiras disciplinares e permitindo um diálogo fecundo entre pesquisadores das mais diversas áreas.

Algumas das principais revistas brasileiras de Ciências Sociais, como a *Revista USP* e *Horizontes Antropológicos*, além de *Estudos Históricos*, publicaram dossiês temáticos sobre futebol ou esportes, assim como o tema já gerou uma resenha no *Boletim Informativo Bibliográfico (BIB)*. O resultado disso tudo é uma progressiva, ainda que tímida, internacionalização da produção brasileira na área.

No caso do NESF, o núcleo foi criado em fevereiro de 2006 pelos professores Jorge Ventura de Moraes e José Luiz Ratton, ambos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPE), e pelo pesquisador Túlio Velho Barreto, da Diretoria de Pesquisas Sociais/Fundaj. Neste sentido, ele é Núcleo interinstitucional e como tal encontra-se registrado no CNPq.

Frise-se que a criação do Nesf resultou do interesse e da paixão dos seus fundadores como torcedores de futebol – Jorge Ventura de Moraes é torcedor do Sport; Túlio Velho Barreto, do Náutico; e José Luiz Ratton, do Atlético Mineiro – e da “descoberta” que fizeram, mais ou menos no mesmo momento, da possibilidade de estudá-lo e pesquisá-lo do ponto de vista acadêmico.

Como já chamamos a atenção, no Brasil, nos últimos 20 anos, o futebol tem sido tratado como um tema emergente nas Ciências Sociais. Desde 1994, ano em que se comemorou o centenário da chegada oficial do *football association* ao país, tem se intensificado ainda mais a realização de estudos e pesquisas e a institucionalização de grupos de pesquisas sobre o tema. E, nos últimos dez anos, tem se intensificado também a publicação de livros acadêmicos, na área da Sociologia, da Antropologia e da História, assim como trabalhos jornalísticos sobre o futebol brasileiro sob diversas abordagens e perspectivas.

Quanto ao NESF, podemos dizer que representa uma iniciativa única no Nordeste do Brasil, pois se constitui como o primeiro grupo de pesquisa dedicado ao estudo do futebol a partir de uma perspectiva sociológica. Desde seu início, este grupo já promoveu dois simpósios inéditos nesta região: o primeiro, “Futebol, Cultura e Globalização”, realizado em 2006, teve a

participação de pesquisadores da Argentina, de São Paulo e do Rio, além dos locais; o segundo, “Gilberto Freyre e o ‘Foot-ball Mulato’”, em 2008, contou com a participação de pesquisadores do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, além dos membros do próprio Nesf. No mesmo período, foram submetidos e aprovados dois projetos de pesquisa pelo CNPq.

No início de 2009, serão defendidas a primeira dissertação e a primeira tese de estudantes vinculados ao Nesf.

Como parte do esforço acadêmico para realçar a importância do futebol como campo importante e profícuo para estudos sociológicos (e de outras áreas das humanidades), organizamos este número temático de *Estudos de Sociologia* com a contribuição de diversos especialistas, não somente do Recife, mas de outros estados brasileiros, além de conhecidos nomes da sociologia do futebol internacional, como Pablo Alabarces, Eric Dunning e Anthony King.

Abrindo o dossiê, King defende que o ritual do esporte fornece um enfoque iluminador para a pesquisa sociológica porque constitui uma arena na qual relações sociais e entendimentos compartilhados são visceralmente recriados. Tais recriações não são condição para a ordem social, que existiria sem elas. Mas, em decorrência das relações sociais terem uma dimensão significativa, estas relações têm que ser reconhecidas por aqueles que não são parte dela, e o ritual é o espaço crítico no qual este reconhecimento comum ocorre. Por exemplo, em noites de inverno, as cidades européias são decoradas com domos luminosos nos quais ocorre um novo espetáculo, que torna real a ordem social contemporânea da Nova Europa, de uma forma tão poderosa como a dos combates de gladiadores que demonstravam a estrutura política do Império Romano.

Já Dunning, sem dúvida, o principal colaborador do sociólogo alemão Norbert Elias em seus estudos sobre futebol, procura desenvolver uma análise sociológica do hooliganismo no futebol como um fenômeno mundial, explorando o quão longe ele pode ser teorizado e entendido, com base em dados gerados na Inglaterra como base empírica. Chama também a atenção para o fato de que o termo ‘hooliganismo no futebol’ não é exatamente um conceito científico, pertencente às ciências sociais, mas uma noção construída por políticos e meios de comunicação. Falta precisão ao termo e o seu uso cobre uma variedade de comportamentos desviantes que têm lugar no futebol ou em contextos mais ou menos diretamente relacionados

ao futebol. Estas formas de comportamento também variam em relação aos tipos e níveis de violência envolvidos.

Tratando igualmente da violência no futebol, Alabarces, Garriga e Moreira propõem compreender os significados que este fenômeno tem para os membros de uma torcida (*hinchada*). Em perspectiva notadamente compreensiva, buscam interpretar, por dentro, os sentidos que os integrantes das torcidas atribuem à violência no futebol, afastando-se de posturas normativas condenatórias vocalizadas por setores da imprensa argentina.

Já o artigo de Helal e Cabo tem por objetivo analisar o discurso jornalístico sobre a partida entre Brasil e Uruguai na Copa de 1970 nos jornais uruguaios. A narrativa em torno desta partida suscita reflexões sobre a relação entre imprensa, memória e “construção” de rivalidades. Brasil e Uruguai não se enfrentavam em uma Copa desde 1950, em confronto que ficou conhecido naquele país como “Maracanazo”, pois a equipe uruguaia sagrou-se campeã derrotando os brasileiros na casa do rival. Assim, para os autores, o que seria uma simples disputa futebolística adquire dramaticidade no discurso jornalístico e serve de subsídio para que seja investigado o olhar do “outro” e o papel da imprensa na “construção” da memória e de elementos de identidades nacionais.

Ratton busca identificar, na análise do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues sobre o futebol, traços de uma imaginação sociológica que antecipou a institucionalização do futebol como tema legítimo da reflexão das Ciências Sociais sobre o tema no Brasil. A propósito, é relevante lembrar, embora não seja objeto de análise de Ratton, o quanto Rodrigues, no Brasil, contribuiu para construir parte da rivalidade entre brasileiros e uruguaios após a decisão do mundial de 1950, jogo, que, para ele, resultou em nossa maior tragédia, só mesmo comparável à explosão da bomba atômica lançada sobre a cidade japonesa de Hiroshima, no final da Segunda Grande Guerra.

À luz das contribuições teóricas de Norbert Elias e Marshall Sahlins, Moraes e Barreto analisam os diferentes posicionamentos, no mundo do futebol, acerca da utilização ou não de tecnologias de monitoramento como instrumentos que possam ajudar os árbitros na tomada de decisão quando de lances polêmicos. Identificam, então, a existência de três posições: a favor do uso de tecnologia de monitoramento; uma posição intermediária, prevendo o uso apenas em alguns “lances capitais”; e totalmente contra. Concluem aludindo ao caráter aberto do debate que continua merecendo

a atenção de protagonistas do mundo do futebol e da entidade máxima do esporte, a Fifa.

A contribuição de Damo é um texto sobre estética futebolística em uma perspectiva antropológica. Seu objetivo é compreender como uma partida de futebol pode vir a ser apropriada de maneira distinta, conforme o ponto de vista dos diversos agentes sociais envolvidos. O texto não procura discutir a suposta beleza de certos eventos pontuais, tais como gols, passes ou dribles, mas a própria idéia de beleza que orienta esteticamente os praticantes e apreciadores dos jogos espetacularizados. Assim sendo, como uma obra de arte, uma partida possui determinadas propriedades intrínsecas, dentre as quais se destacam as regras, os esquemas táticos e os estilos. Damo discute, então, o modo como são forjados e reconhecidos os esquemas táticos, que especificam o ponto de vista dos profissionais, e os estilos, que são tema de debate entre os torcedores, cronistas e intelectuais em geral. Ao tratar dos esquemas táticos, Damo enfatiza a importância e o significado das categorias espaço e tempo. E ao tratar dos estilos, em particular o futebol-arte, destaca as controvérsias em torno da própria natureza, real ou inventada, dessas categorias de entendimento e valoração das performances futebolísticas.

Já em seu artigo, Nazareth analisa alguns dos fatores mais importantes que incidem sobre a constituição dos *frames* organizadores das experiências na esfera do jogo. A análise está centrada em como se constitui a ordenação da relação social competitiva dos jogos – determinando quem está em vantagem e quem está em desvantagem; quem é o vencedor e quem é o perdedor – e como essa ordenação atua como principal condicionante de acionamento e sustentação dos *frames* ao longo do jogo.

O texto seguinte tem um significado especial para nós e, podemos dizer, constitui-se, no jargão futebolístico, em um autêntico “gol de letra”. Trata-se do depoimento do ex-jogador Ramon, artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1973, por ocasião da realização do primeiro simpósio do NESF, “Futebol, Cultura e Globalização”, em 2006. Nele, Ramon relata, com impressionante lucidez e capacidade reflexiva, sua trajetória desde Sirinhaém, município da Zona da Mata Sul de Pernambuco, até o Recife, onde foi jogar no Santa Cruz, sua ida para o Internacional (RS), depois para o Vasco da Gama, onde também brilhou, entre outras histórias. O depoimento de Ramon, pessoalmente tocante e instigante de um ponto de vista sociológico, é a primeira iniciativa de um dos propósitos mais importantes e audaciosos

do NESF: a construção de uma memória social do futebol pernambucano. Portanto, não temos dúvidas de apontá-lo como algo que torna o dossiê ainda mais especial para o NESF e seus membros. E, certamente, para os nossos leitores. Todos somos muito gratos a Ramon por sua paciência e dedicação conosco.

Finalmente, fecham este número temático três resenhas sobre importantes livros acerca do futebol, a saber: *A Dança dos Deuses*, do historiador Hilário Franco Jr., *Do Dom à Profissão*, de Arlei Damo, e *Veneno Remédio*, de José Miguel Wisnik.

Como se verá, a pluralidade teórica e metodológica das interpretações do futebol apresentadas pelos diversos autores, assim como a diversidade e a riqueza interna dos textos publicados, revelam o estágio de maturidade da reflexão sociológica e antropológica sobre os esportes, de modo geral, e o futebol, em particular, no Brasil. Este dossiê é uma forma de participar desta história e uma contribuição para que ela continue.